

# O SUJEITO DIANTE DA NEUROSE DE ANGÚSTIA NO OLHAR DA PSICANÁLISE

SUBJECT BEFORE THE TROUBLE OF NEUROSIS THE LOOK OF PSYCHOANALYSIS

Carolina Feiten Terciotti<sup>1</sup>  
Veruska de Lima Festugato<sup>2</sup>  
Ana Maria Moreno de Oliveira<sup>3</sup>

TERCIOTTI, C. F.; FESTUGATO, V. de L.; OLIVEIRA, A. M. M. de. O sujeito diante da neurose de angústia no olhar da psicanálise. **Akrópolis** Umuarama, v. 21, n. 2, p. 111-124, jul./dez. 2013.

**RESUMO:** Este estudo tem o objetivo de analisar o processo de constituição do sujeito e da estruturação psíquica tendo por base as análises de Freud e Lacan para compreender o surgimento das neuroses e da fobia. Utiliza-se o método da revisão bibliográfica voltada ao estudo psicanalítico do sujeito, em especial da criança, no desenvolvimento de quadros fóbicos. A literatura salienta a importância do Outro e do simbólico na estruturação subjetiva, sendo a estrutura neurótica decorrente do processo constituinte que tem origem na angústia de castração, que para Lacan, é uma disfunção de objeto, uma ausência do Outro, sobretudo a mãe, que leva o sujeito a deslocar o foco do objeto desejado para outros objetos, que se transformam em objetos fóbicos. A fobia de Hans, estudada por Freud, é considerada um exemplo de neurose fóbica, decorrente do medo de castração que surge no momento em que o sujeito atravessa o complexo de Édipo. Mediante o simbólico, a visão psicanalítica possibilita a análise da estrutura psíquica para diagnosticar os modos de defesa, ou negação, do Édipo, mediante o recalque, para entender como o sujeito se constitui diante da falta. A projeção da angústia para um objeto externo é uma forma de defesa que, ao mesmo tempo, limita e constitui o sujeito. As fobias são comuns na infância e podem se manifestar desde a infância até a fase adulta, podendo afetar as relações posteriores do sujeito. Na análise psicanalítica, o significante fóbico possui um papel de relevância, e a fobia se apresenta como consequência sintomática que impede o sujeito de realizar seu desejo recalcado e freia a angústia. O analista deve entender e acolher as manifestações inconscientes tornando-as significativas para o sujeito que fala, de modo que ele possa entender e vencer seus medos, alcançando êxito no tratamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito; Constituição; Estrutura; Neurose; Fobia.

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the process of constitution of the individual and psychic structure based on the analyzes of Freud and Lacan to understand the appearance of neuroses and phobias. We use the method of literature review focused on the psychoanalytic study of the subject, especially the child, in developing frameworks phobic. The literature emphasizes the importance of the Other and the symbolic structuring subjective, and the neurotic structure arising from the constitutional process which originates in castration anxiety, which for Lacan, is a dysfunction of object, an absence of the other, especially the mother, who leads the individual to shift the focus of the desired object to other objects, that become into phobic objects. The phobia of Hans studied by Freud, is considered an example of phobic neurosis, resulting from castration fear that arises when the subject crosses the Oedipus complex. Through the symbolic, the psychoanalytic view enables the analysis of psychic structure to diagnose the modes of defense or

<sup>1</sup>Discente do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. E-mail: cahhrolina@hotmail.com End: Rua Belo Horizonte, 1225.

<sup>2</sup>Discente do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. E-mail: vve.lima@hotmail.com End: Rua Pato Branco, 1552.

<sup>3</sup>Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. Psicóloga Especialista em Psicanálise e Psicologia da Educação E-mail: anamaria@unipar.br End: Rua Vicente Machado, 1350.

denial of Oedipus, through repression, to understand how the subject is constituted before the fault. The projection of distress to an external object is a defense system that, at the same time limits and constitutes the subject. Phobias are common in childhood and may occur from infancy to adulthood, affecting relationships later the subject. In psychoanalytic analysis, the significant phobic has a relevant role, and phobia presents as symptomatic consequence that prevents the subject from realizing their repressed desire and brakes the anguish. The analyst must understand and embrace the unconscious manifestations making them meaningful to the speaking subject, so that he can understand and overcome the fears, achieving successful treatment.

**KEYWORDS:** Subject; Constitution; Structure; Neurosis; Phobia.

## INTRODUÇÃO

O medo e suas derivações têm sido analisados pela Psicanálise pela importância de sua representação na constituição do sujeito e estruturação da subjetividade. A Psicanálise, como ciência, possibilita o resgate da criança como sujeito em constituição e facilita a compreensão dos eventos que contribuem para a formação de quadros fóbicos (BERNARDINO, 2006).

Os estudos de Freud acerca das neuroses conduziram-no a perceber uma instância psíquica infantil no adulto, fato que chamou-lhe a atenção para explicar a estruturação psíquica do adulto a partir das vivências da infância, tomando como base a análise da fobia de Hans, que o levou a compreender que a escolha primitiva do objeto pela criança permanece no adulto. Assim é que Freud (1996, p. 53) afirma que, na constituição do sujeito, “[...] os fatos da infância explicam a sensibilidade aos traumatismos futuros”.

A criança, concebida inicialmente como uma miniatura do adulto, “um ser sem importância, imaturo e assexuado”, passou a ser analisado por Freud e, posteriormente, por Lacan, como um sujeito real, com uma realidade psíquica constituída por desejos inconscientes e fantasias vinculadas a essa realidade (COSTA, 2007, p. 14).

Na estruturação subjetiva, ou constituição do sujeito, o simbólico tem grande importância para compreensão das angústias e fobias que, segundo Freud, têm sua origem no medo da castração, no decorrer do processo de estruturação do sujeito, e que, para Lacan, repre-

senta uma disfunção de objeto, uma ausência do Outro, em especial da mãe, que faz com que o sujeito busque outros objetos para focar o seu medo, os quais se transformam em objetos fóbicos (LOPES, 2008).

A fobia pode ser fruto de uma deformação, um deslocamento do medo de ser castrado, como demonstram os estudos do desenvolvimento e resolução da fobia de Hans, um menino analisado por Freud. Segundo ele, a fobia advém da intensa ansiedade provocada pelo temor de castração que é deslocado para um objeto externo que desencadeia o desenvolvimento da fobia (FREUD, 1996).

Este estudo tem o objetivo de analisar o processo de constituição do sujeito em Freud e Lacan. Assim, tendo como base as análises de Freud e de Lacan a respeito da constituição do sujeito e da estruturação psíquica, pretende-se analisar o surgimento das neuroses e, nestas, as fobias. Utilizando-se da revisão bibliográfica, busca-se respaldar a importância do tratamento psicanalítico da criança para que a mesma não desenvolva patologias decorrentes dos medos infantis.

## A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A constituição subjetiva foi estudada por Freud, inicialmente, o qual procurou esclarecer como o ser humano se constituía como sujeito. Para Freud, o inconsciente é atemporal, mas o aparelho psíquico funciona de molde a fazer surgir o sujeito. Assim, compreender como se dá o funcionamento psíquico no processo evolutivo possibilita reconhecer quando ocorre o surgimento do sujeito, como ele se constitui (MEDEIROS; MARIOTTO, 2006).

O termo sujeito não está presente nos textos de Freud, mas foi introduzido na psicanálise por Lacan. Está, no entanto, implícito nas obras de Freud. Contudo, deve-se entender que há diferenças entre o “eu” proposto por Freud e o “sujeito” em Lacan. O Eu entendido como *das Ich* (Imago) “é uma instância intrapsíquica mergulhada no sistema percepção-consciência, servidor de numerosos mestres (o isso, o supereu, a realidade exterior); não há nenhuma suposição de um sujeito” (BRUDER; BRAUER, 2007, p. 516).

Já o sujeito do inconsciente, proposto por Lacan, é o sujeito do desejo, do gozo e é sobre esse sujeito do inconsciente que o tratamento

analítico opera. O sujeito não se confunde com o indivíduo, o ser, e se constitui a partir de uma causa, que é a linguagem, pela qual o inconsciente se estrutura. Segundo Lacan (1998, *apud* CIRINO, 2001, p. 52), “O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real”.

Assim, ser e sujeito são disjuntos. Lacan percebe o sujeito a partir do *cogito* cartesiano que, à luz da psicanálise, descobre o inconsciente na medida em que suas formações não comportam um sujeito capaz de acompanhar suas representações e se assegurar da continuidade de seu ser. Mediante uma escolha forçada entre o “não penso” e o “não sou” o EU se estrutura como posição simbólica do sujeito simultaneamente ao aparecimento do EU como construção imaginária (BRUDER; BRAUER, 2007).

O sujeito, assim, é uma resposta do real ao encontro do significante e não tem nada em comum com a consciência, correspondendo à inscrição de uma falta. Por isso, o sujeito só é reconhecido na cadeia significante, quando reconhece a presença de algo que só pode contar quando falta. A estrutura da linguagem provoca um déficit no gozo do sujeito, constituindo o que Lacan chama falta-a-ser. Os significantes, que constituem os elementos simbólicos, tomam lugar na estrutura, onde um elemento significante remete ao outro, em cadeia e em oposição ao outro. Nesse critério posicional, o lugar do Outro, enquanto sistema simbólico determina a posição do sujeito desde sua aparição. O sujeito, assim, se constitui a partir de uma ordem anterior e exterior a ele, e da qual depende, ainda que pretenda dominá-la. O sujeito, assim, somente é sujeito em virtude da sujeição ao campo do Outro (CIRINO, 2001).

Em seus estudos, Freud colocou o complexo de Édipo como o fenômeno que oferece à criança a possibilidade de se autoconstituir, por meio da busca da satisfação da libido, ocupando o lugar do pai (tendo relações com a mãe) ou da mãe (sendo amada pelo pai). Contudo, o medo da castração como punição ao Édipo faz com que o Ego narcísico opte por abrir mão da catexia libidinal de seus objetivos parentais, substituindo essa catexia por identificações, introjetando no ego a autoridade dos pais, perpetuando a proibição contra o incesto (ARAÚJO; AMARI;

OLIVEIRA, 2011).

Dessa forma, mediante a lei básica da proibição do incesto, o objeto materno é proibido e o pai, detentor do falo, sustenta a lei como suporte da função simbólica, identificando-se com a figura da lei. Assim, há um campo simbólico, constituído por leis, por um sistema de representações no qual se nomeiam pessoas, objetos, fenômenos, e pelo qual o homem consegue significar-se a si mesmo, os outros e o mundo que o rodeia, mesmo que não seja possível simbolizar tudo. Nesse processo de simbolização a castração assume papel principal na perpetuação desse campo simbólico. Para Boukobza (2006, *apud* ARAÚJO; AMARI; OLIVEIRA, 2011, p. 191),

[...] não há apenas uma castração, mas várias, que ao longo da vida são representadas pela castração do cordão umbilical (nascimento), castração oral (desmame), a castração primária (assunção pela criança de seu sexo), e a castração edípica (interdito do incesto). Quando finda a castração edípica, se constrói o narcisismo secundário da criança. As castrações modelam a imagem do corpo e dão acesso à simbolização.

Dessa forma, para Freud, a organização psíquica que forma o inconsciente depende tanto “da inscrição dos signos de percepção, pelas associações sincrônicas quanto da reinscrição simbólica do que não pode ser traduzido no momento de sua passagem de uma inscrição a outra” (MEDEIROS; MARIOTTO, 2006, p. 45).

Utilizando-se de seus estudos sobre a sexualidade e sua importância no desenvolvimento psíquico infantil, Freud mostrou que o ser se constrói a partir do desejo do Outro. E esse desejo está ancorado no fato de que alguém desejou essa criança primeiro, existe um Outro com um interesse especial pela criança. Esse campo de significações estudado por Freud se dá a conhecer por meio da linguagem, que pode ser apontado como o elemento fundamental na constituição do homem (BERNARDINO, 2006).

Fazendo uma releitura dos estudos de Freud sobre a lei da proibição do incesto que leva à angústia da castração e dá acesso à simbolização, Lacan amplia a importância da família e da cultura no processo de constituição do sujeito. Para ele, o que marca o nascimento do sujeito não é o nascimento da criança, em si, mas do sujeito na criança. Assim, não é a crian-

ça que adquire a linguagem, mas é a linguagem que adquire a criança. Enquanto a criança não encontra seu próprio sentido, ela ocupa um lugar que lhe dão, e que serve de referência para ele. Para se constituir como sujeito, a criança se aliena no desejo e nas palavras do outro para existir, simbolicamente. A linguagem do outro marca a criança e, só mais tarde, ela irá separar-se e se tornar um sujeito único. A alienação primária é estrutural e marca o sujeito. Assim, mesmo quando adulto, o sujeito manifestará a influência desse primeiro contato com o significante, já que a memória de sua constituição representa seu próprio inconsciente (BERNARDINO, 2006).

Conforme Lacan (1998, *apud* BRUDER; BRAUER, 2007, p. 515), “a alienação é própria do sujeito; ele nasce por ação da linguagem. O lugar de Outro, que a mãe ocupa neste momento, oferece significantes, através da fala; o sujeito se submete a um dentre os vários significantes que lhe são oferecidos pela mãe”.

A escolha entre o ser e o sentido aliena o sujeito, que deve escolher, forçadamente, entre ter um ou outro e, nesse processo, acaba não tendo nem um nem outro. Na constituição do sujeito, a alienação consiste nessa escolha forçada. O sentido emerge no campo do Outro e ocorre o desaparecimento do ser pela própria função do significante. Assim, o sujeito não fala, não acede à palavra, pois a fala requer a articulação de pelo menos dois significantes. O sujeito aparece primeiro no Outro, e se identifica com o traço significante do Outro materno. Dessa maneira, na alienação, o sujeito é capturado pelo significante, e surpreende o sujeito ao provocar uma divisão entre o sujeito e ele mesmo. Nesse processo, a linguagem tem um papel importante para transformar a criança, em si, num ser falante (BRUDER; BRAUER, 2007).

Para Elia (2004), é o representante materno quem transmite uma estrutura significante e inconsciente ao bebê. Esses significantes suscitam uma resposta que se chama sujeito que, embora não seja determinado completamente com o Outro, adquire significado a partir dele, mas já se encontra constituído pela cultura, sociedade, família e linguagem.

Nesse campo simbólico, constituído por leis e por um código de comunicação específico sustentado pela linguagem e por representações, o sujeito consegue significar-se a si mesmo, aos outros e ao mundo que o rodeia. Sauret (1998, p. 63), afirma que “o bebê, ao nascer,

cai num banho de significantes”, ou seja, desde o início a criança está imersa numa cadeia de significantes formada, inicialmente pelos pais, e posteriormente pela cultura e sociedade, e a criança surge como objeto de desejo dos pais, se constituindo a partir de seus desejos, sonhos e necessidades.

Falar na primazia do significante remete a uma contingência especificamente humana: trata-se do homem como um ser falante, mergulhado em uma cultura antes mesmo de seu nascimento; ele sofre determinações desse sistema simbólico que é a linguagem, e ingressará nessa ordem simbólica a partir da relação com o Outro – num primeiro momento, presentificado pela mãe – que vai *falar* com ele, oferecendo-lhe significantes que o constituirão. (BRUDER; BRAUER, 2007, p. 516).

O papel do Outro na constituição do sujeito é essencial, mas é preciso que ocorra, além da alienação, a separação, para que o sujeito exista separadamente do Outro. O significante permite que o ser humano se consagre como um ser pensante, consciente, porém, ao mesmo tempo, o subverte, viola, profana, escapando o verdadeiro significado do primeiro significante. A alienação do Outro chega ao fim, dando lugar a outros significantes e ao mundo simbólico, fazendo, que surja o sujeito de sua significação pela falta do Outro. Assim, a operação se dá no “tempo marcado pela falta do Outro, e o seu segundo tempo é o tempo em que o sujeito tenta construir, no fantasma, uma resposta à falta do Outro” (LACAN, 1981, *apud* FERREIRA, 2000, p. 40).

Para Lacan (2008), o sujeito procura satisfazer a falta da sua relação com a mãe, que é o primeiro objeto de prazer da criança, e busca outro objeto que marque de igual forma a libido da criança. Inicialmente, a criança procura suprir a falta da mãe com a sua própria falta. Nessa relação imaginária, ela mesma se introduz no mundo dos significantes e, embora a falta da mãe cause uma angústia pela separação, lidar com a falta do Outro dá certa liberdade, ainda que limitada, para que o sujeito se constitua por si mesmo.

A articulação com o real ocorre com a entrada do pai na relação, instituindo a marca da falta. A função paterna, entrando em lugar da função materna, surge para a criança como um

significante que substitui a mãe em sua ausência. A entrada paterna introduz na criança a realidade de que a mãe também busca o que lhe falta no Outro, no caso, o pai, e por isso a mãe falta para a criança. Nesse processo, chamado por Freud de Complexo de Édipo, e por Lacan, de metáfora paterna, um significante substitui outro significante, para que o sujeito se construa na criança (NASIO, 2007).

Conforme Freud (1996, p. 205), o complexo de Édipo é a “experiência central dos anos da infância, o maior problema do início da vida e a fonte mais intensa de inadequação posterior”. Dependendo da influência que a criança sofra no período edipiano, define-se o papel sexual da criança bem como as particularidades psíquicas para com o objeto de desejo. Embora se realize na infância e fique restrito ao inconsciente, o complexo de Édipo é revivido pelo sujeito na adolescência e vida adulta, sendo, muitas vezes, o originador dos sentimentos de culpa que emergem no período da adolescência e fase adulta.

Ao substituir um significante por outro, nesse processo, o pai afasta a mãe da criança, que ao mesmo tempo deseja e odeia o pai por se colocar no lugar da mãe e de se tornar um objeto de desejo, um novo significante. Freud (1924, *apud* ARAÚJO; AMARI; OLIVEIRA, 2011), mostra que o complexo de Édipo dá à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa, colocando-se no lugar do pai, e outra passiva, sendo amada por ele tal como a mãe. Mas, como a satisfação do amor é a perda do falo, o ego narcísico escolhe abrir mão do amor parental, substituindo o desejo pelos pais e assimilando a lei autoritária do pai que proíbe o incesto.

Esse simbolismo também é descrito por Nasio (2007), para o qual o pai representa uma metáfora ideal de substituição da mãe e de autoridade.

No complexo de Édipo, o status do pai é o de uma metáfora: ele é o significante que vem no lugar de outro significante. O significante “pai” vem no lugar do significante “desejo da mãe”. O pai significa o desejo da mãe. Em outras palavras, para a criança seu pai é também um homem, o homem que a mãe deseja. (NASIO, 2007, p. 139).

Nesse processo de entrada da função paterna, a criança percebe que o significante paterno é símbolo de poder, sendo reconhecido pela mãe como um ser desejante. Essa constata-

ção favorece a constituição do sujeito na criança, que passa a se estruturar separadamente da mãe. A relação mãe-filho é quebrada pela interdição do pai, e a criança sente-se castrada pelo Outro, pela função paterna. É onde entra o complexo de Édipo, quando o pai, o Outro, castra a criança de sua relação com a mãe e oferece um caminho para a sua estruturação (PAIVA, 2011).

Dessa forma, para que a criança se constitua como sujeito, deve viver uma relação com um Outro que dele cuide em todos os sentidos. A função materna deve estar ancorada na função paterna, para que a criança receba o suporte necessário para não se perder como sujeito. A mãe deve suportar perder a criança, deixar ela crescer, e a criança deve compreender que o desejo da mãe está além dela e buscar seu próprio caminho. Esse processo ocorre mediante a operação edípica, que propicia a constituição do sujeito na criança (BERNARDINO, 2006).

A constituição do sujeito, portanto, é marcada por vivências que culminam na castração, dando acesso ao simbólico. Isso possibilita a estruturação do sujeito, mediante a articulação do organismo, dotado de um aparelho biológico e do sistema nervoso central, e das funções materna e paterna que correspondam às acepções simbólicas de introdução da linguagem e da atribuição de um lugar para a criança, que possibilitem à mesma as condições para se constituir num sujeito pensante (BERNARDINO, 2006).

## ESTRUTURAÇÃO DO SUJEITO

A partir da visão psicanalítica da constituição do sujeito, Lacan elaborou uma teoria acerca da estruturação subjetiva, afirmando que o processo de se tornar sujeito de desejo está sustentado na aquisição da linguagem. A construção da estrutura psíquica do sujeito sustenta e determina o funcionamento de cada sujeito ao longo da vida. Segundo Magalhães (2012), a estrutura tem início na infância e a criança se constitui sujeito em um corpo que se desenvolve e forma o aspecto imaginário dessa estrutura, realizando seu desenvolvimento mediante ligação do sujeito com seu funcionamento imaginário. A imagem do corpo é estruturada e inscreve as vivências relacionais no inconsciente no decorrer do percurso da libido.

Afirma ainda Magalhães (2012), que não existe uma cronologia evolutiva na constituição das estruturas do sujeito. Os estudos de Lacan

indicam que o sujeito já possui uma estrutura e começa a fazer uso dela no início de sua vida. Essa estrutura está concebida a partir da linguística, sendo a linguagem considerada por ele uma instituição coletiva cujas regras são impostas aos indivíduos pela cultura. Essa estrutura da linguagem, porém não é tão rígida quanto a linguística, já que permite a inclusão do sujeito falante. A fala do sujeito, no entanto, comporta uma falha, e assim a estrutura da linguagem não consegue dizer tudo o que se passa com o homem, tal como ocorre com o inconsciente, que resguarda conteúdos que não podemos aceitar.

A linguagem é uma capacidade, um instrumento pelo qual o homem consegue se comunicar, e onde as ideias emergem. Mas para a abordagem psicanalítica, a linguagem é uma estrutura pela qual o ser humano se torna um sujeito falante e desejante. A estrutura de linguagem é uma experiência elementar da cultura, que revela uma ordenação das trocas que, mesmo inconsciente, não pode ser concebida fora das permutações que a linguagem possibilita. A constituição do sujeito está ancorada no campo simbólico e resulta do encontro entre a natureza, a cultura e a sociedade (BERNARDINO, 2006).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a estrutura da linguagem está presente no processo de constituição do sujeito, como já explanado acima, pois é a partir da linguagem que o sujeito passa a se constituir. E isso não depende dos estágios de desenvolvimento próprios da evolução humana, mas da apreensão do simbólico da linguagem. Lacan afirma que a criança apreende o simbólico da linguagem muito antes de poder falar, e que a constituição do sujeito não depende das fases do desenvolvimento. A esse respeito, Jerusalinsky (1999, *apud* MAGALHÃES, 2012) afirma que a estruturação psíquica depende não do corpo, mas da simbolização nele operada.

Para Lacan, o conceito de estrutura é concebido a partir da organização psíquica que se dá em torno de um furo (falha), e esse furo tem uma razão estrutural para existir. Considerando que o homem é um ser faltante por natureza, Laurindo e Farinha (2011, p. 69), explicam que:

A estruturação subjetiva consiste justamente no processo por meio do qual o humano se constitui na sua relação ao Outro do discurso e do desejo, constituição que tem a falta

como elemento fundamental e que se desdobra na relação que o sujeito irá ter com respeito ao sexo, desejo, lei, angústia e morte.

A estrutura psíquica do sujeito possui uma dinâmica de funcionamento que obedece ao princípio do prazer e as formações do inconsciente transmitem uma mensagem passível de interpretação. Dessa forma, “os chistes, atos falhos, sonhos e sintomas possuem um sentido”, referem-se ao contexto da estruturação do psiquismo que está recalcada e é desconhecida da pessoa, mas que “revelam uma verdade subjetiva, singular, peculiar e de fundamental importância para a cura de diversos estados de sofrimento que acometem a pessoa [...]” (FARINHA, 2011, p. 57).

A compreensão da constituição do sujeito na visão psicanalítica possibilita empreender um processo de análise da estrutura psíquica, buscando no registro simbólico a articulação entre as questões fundamentais do sujeito quando este atravessa o complexo de Édipo. Mediante o simbólico, é possível fazer o diagnóstico por meio dos três modos de negação do Édipo, ou seja, a negação da castração do Outro. Nesse processo, é possível perceber como cada sujeito se constitui diante da falta, qual o destino que dá à energia pulsional determinando o modo de estruturação psíquica: neurose, psicose e perversão (LAURINDO; FARINHA, 2011).

A perversão é um conceito estudado por Sigmund Freud a partir de 1896, quando este estudava também a neurose e a psicose. A perversão, porém, é mais ampla que as estruturas da neurose e da psicose, pois abrange a análise do comportamento, das práticas e fantasias correlacionadas à norma social, variando conforme as épocas, culturas, costumes, e outros. Para Freud inicialmente, a perversão (homossexualidade) apresentava uma ambivalência, um desvio da sexualidade normal. Em sua obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud usa o termo “perversões sexuais” indicando o caráter selvagem, polimorfo e pulsional da sexualidade. Freud também caracterizava a neurose como sendo o negativo da perversão, pois ao contrário da sexualidade neurótica, a perversa não conhece o recalque, o incesto e a sublimação, não se detendo em limites. Essa falta de limites se deve ao desvio em relação a uma pulsão, um órgão, objeto e alvo. Assim, Freud considerou que, “ao lado da psicose, definida como

a reconstrução de uma realidade alucinatória, e da neurose, resultante de um conflito interno seguido de recalque, a perversão aparece como uma renegação ou um desmentido da castração, com uma fixação na sexualidade infantil” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 585).

Para Lacan, a perversão é uma estrutura, não um desvio sexual, e está relacionada às noções de desejo e gozo. A perversão é um componente inerente à estrutura psíquica do homem, podendo ser tratada psicanaliticamente mediante o acesso ao perverso (QUEIROZ, 2004). A perversão surge a partir do que falta no simbólico, numa tentativa de completar ou suplementar o Outro para sua plenitude (JULIEN, 2002).

A psicose é entendida por Lacan como um processo psíquico desenvolvido durante a constituição da subjetividade em oposição a si mesmo, provocando um desequilíbrio decorrente de uma anomalia psíquica anterior. Em estudos posteriores, Lacan afirmou que a psicose era determinada pelo simbólico, pelo desejo de ser reconhecido pelo Outro, desejo este que, para ser satisfeito no homem, exige ser reconhecido pelo acordo da fala ou pela luta de prestígio, no símbolo ou no imaginário. Desse modo, a psicose é entendida por Lacan como uma linguagem sem sujeito, onde o sujeito é mais falado do que fala, permanecendo alienado. Na psicose, o significante é a causa das significações, o simbólico determina o imaginário, e não o contrário. Não há imaginário puro. É o significante vindo do Outro que dá significação à imagem do corpo, como analisou Lacan no “Estádio do Espelho”, determinando que, na psicose, prevalece o simbólico sobre o imaginário tendo como significante fundamental o Nome-do-Pai. Se a imagem do significante permanecer no plano imaginário, ou faltar, as significações elaboradas pelo psicótico para suprir essa falta deverá ser compensada, o que ele faz mediante comportamentos ordinários que, de repente, sem explicação, se descompensam. Por isso, Lacan afirma que a psicose não tem pré-história, sendo difícil reconhecer o pré-psicótico (JULIEN, 2002).

O diagnóstico só pode ser buscado no registro simbólico, onde são articuladas as questões fundamentais do sujeito (sobre o sexo, a morte, a procriação, a paternidade) quando da travessia do complexo de Édipo. É a partir do simbólico, portanto, que se pode fazer o diagnóstico por meio dos três modos de ne-

gação do Édipo – negação da castração do Outro (QUINET, 2005, p. 23).

Lacan enfatiza o papel da falta e do simbólico na estrutura neurótica. Explica que na neurose, assim como na psicose, ocorre a alienação do sujeito, mas é na separação, no momento da constituição do sujeito, que ocorre uma falha. Na neurose, a separação acontece a partir da metáfora no Nome-do-Pai enfatizando a importância do processo que envolve o Édipo na constituição subjetiva. O sujeito entra no mundo simbólico a partir do Édipo e a função paterna, e é por essa função, o Nome-do-Pai, que ele entra no lugar de falo na relação de objeto da mãe. Pelo Nome-do-Pai a criança nomeia o objeto fundamental do seu desejo. Nesse processo, o sujeito entra no mundo simbólico para ser representado por um significante mas perde a relação direta com as coisas. A operação da separação se dá por um posicionamento do sujeito em relação ao desejo do Outro. Ao perceber que não satisfaz o desejo da mãe por completo, a criança também se percebe faltosa, instaurando-se a Lei da Castração que faz com que cada sujeito percorra um caminho particular no mundo simbólico. É nessa representação que o sujeito afirma sua estrutura (OLIVEIRA, 2008).

Destaca-se que esses modos de estruturação não são patológicos, mas a falta, o padecimento (*pathos*) do sujeito é que faz com que os impasses do processo de constituição subjetiva afetem esse mesmo processo, como uma forma de defesa da falta ou da castração. Essas formas de defesa apresentam características próprias, sendo que o sujeito pertence a uma ou outra forma, nunca a duas estruturas e nem passa de uma a outra (LAURINDO; FARINHA, 2011).

Sinteticamente, estes autores apresentam esses modos de defesa da seguinte forma:

Na *neurose*, o mecanismo defensivo ante a castração é o recalque (*Verdrangung*), em que o representante da falta é conservado no inconsciente. Na *perversão* há a negação da angústia de castração e concomitantemente seu retorno na conservação do fetiche; o mecanismo seria o desmentido (*Verleugung*). No caso da *psicose* ocorre a negação radical da representação da falta, o mecanismo é aforclusão (*Verwerfung*). A neurose e a perversão implicam uma admissão do Édipo, ou do representante fálico na estrutura, o que não ocorre na psicose. (LAURINDO;

FARINHA, 2011, p. 71). (grifos do autor)

Nessa perspectiva, o diagnóstico diferencial em psicanálise é realizado através da fala do paciente, ou seja, do que o paciente diz. Ao permitir que o sujeito fale, percebe-se a posição do sujeito frente à castração e ao complexo de Édipo, reconhecendo qual a função do sintoma para o sujeito (LAURINDO; FARINHA, 2011).

As estruturas clínicas propostas por Lacan são analisadas considerando as relações que o sujeito tem com a linguagem. Desse modo, possibilita-se o tratamento psicanalítico:

Dando primazia ao discurso do paciente, Freud descobre que o inconsciente tem leis próprias, e que estas estão referidas a uma maneira própria a cada pessoa de dar conta do sexual. Ele passa do trauma para as fantasias, apontando para o seu núcleo: a castração. O Édipo é a sustentação simbólica do temor à castração. É a entrada do sujeito na cultura pela via da interdição operada pelo pai enquanto no lugar de lei. (MACHADO, 2000, *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 117).

No estudo psicanalítico, portanto, o que importa é a realidade psíquica constituída pelos desejos inconscientes e fantasias a eles vinculadas. O sujeito se constitui e ordena na dialética da demanda do amor e da experiência do desejo. As estruturas clínicas fazem uma divisão do sujeito entre o significativo e o real do gozo podendo, conforme o sujeito for afetado no processo de constituição, manifestar sintomas de uma ou de outra estrutura (CIRINO, 2001).

Para fins de análise nesse trabalho centraliza-se na neurose, que se funda a partir do recalque e tem como manifestação da angústia frente a castração a histeria, obsessão e a fobia, sendo esta o enfoque que será desenvolvido nos próximos capítulos.

## **A NEUROSE E OS SIGNIFICANTES FÓBICOS**

A neurose é considerada por Freud como uma divisão entre o afeto e a idéia. Enquanto o afeto permanece na esfera psíquica, a idéia é enfraquecida e permanece separada de qualquer associação, na consciência. O afeto, assim, possui um destino diferenciado. Se o afeto for deixado livre, liga-se a idéias com ele compatíveis e essa falsa conexão gera ideias obsessivas, podendo se manifestar em sintomas ob-

sessivos ou fóbicos. Para Freud, essas fobias, obsessões e histerias estão diretamente relacionadas a idéias sexuais recalçadas. A fantasia tem papel importante no desencadeamento das neuroses, sendo um dos fatores etiológicos que influenciam para que esta se torne patológica. A origem das neuroses vinculada a alguma perturbação sexual contemporânea ou a fatos importantes do passado foi defendida por Freud, que reconheceu a existência de uma relação direta entre a vida sexual (ou a libido) e o surgimento das patologias neuróticas (OLIVEIRA, 2008).

Freud considerava que os neuróticos tinham uma boa saúde mental mas, em determinado momento, ocorreu uma incompatibilidade na sua constituição, de modo que seu eu foi confrontado com uma experiência, ideia ou sentimento que gerou aflição, angústia. No texto “As neuroses de defesa”, Freud observa que “[...] nas histerias, fobias e obsessões, o processo inicial de um conflito entre uma ideia incompatível e o posicionamento do ego é semelhante e as divergências dar-se-ão nas etapas seguintes” (OLIVEIRA, 2008, p. 119).

A estrutura neurótica apresenta alguns tipos clínicos, caracterizados como: neurose histérica, neurose obsessiva e neurose fóbica. Conforme Laurindo e Farinha (2011), tanto o obsessivo como o histérico e o fóbico defendem-se da angústia de castração e o mecanismo é o recalque. O obsessivo sofre conscientemente no pensamento; o histérico sofre conscientemente no corpo; o fóbico projeta a angústia para o mundo exterior, transformando-a em um objeto ameaçador ao qual deve temer.

Essas escolhas foram analisadas por Freud em “A Disposição à Neurose Obsessiva – Escolha da Neurose”, o qual concluiu que:

[...] a origem da escolha por um tipo de neurose específica, em que funções psíquicas (sexual) e funções do ego podem, no seu processo de desenvolvimento para a vida adulta normal, sofrer modificações, ocorrendo pontos de fixação nos diferentes estádios do desenvolvimento sexual (fase oral, anal, fálica, latência e genital) e o indivíduo pode, ao longo da vida, apresentar comportamentos regredidos de fixação nos estádios anteriores, ocasionando o surgimento da neurose. (OLIVEIRA, 2008, p. 120).

A investigação analítica das neuroses segundo os estudos de Freud mostra que as neu-



roses são constituídas na tenra infância, mesmo que os sintomas somente venham a aparecer muito mais tarde. As experiências sexuais infantis podem deixar fixações na libido e, devido à imaturidade, as exigências pulsionais operam como traumas e o ego, desamparado, defende-se dessas exigências mediante tentativas de fuga (recalques), que, no entanto, se mostram ineficazes e restritivas. O sintoma surge como um retorno dessas representações recalçadas que se unem às representações atuais para vir à tona. Funciona como uma forma de satisfação distorcida, formando um compromisso entre o consciente e o inconsciente, fornecendo, assim, acesso à organização simbólica que representa o sujeito (LAURINDO; FARINHA, 2011).

O sintoma psíquico da neurose é uma forma de defesa, um meio que o neurótico usa para obter respostas a questões que ele desconhece, que estão recalçadas. Embora o neurótico não recorde do que ocorreu na infância a estrutura edipiana se faz presente no sintoma e ele mostra uma dúvida característica que revela uma divisão do sujeito, onde há um “sim” e um “não” (LAURINDO; FARINHA, 2011).

Dentre essas formas de defesa do sujeito de defesa do sujeito, os quadros fóbicos situam-se na estrutura da neurose como sintomas que se desenvolvem a partir da infância e podem se manifestar, ou emergir, desde a infância até a fase adulta, já que o complexo de Édipo e da ameaça de castração afetam as relações posteriores do sujeito, determinando a angústia. A angústia, que representa o temor da separação, surge como uma reação a uma perda, à separação de um objeto extremamente valioso para o sujeito. A angústia exerce um papel fundamental na formação dos sintomas à medida que esses são criados como forma de defesa do sujeito, se fazendo presente em diversas situações (ZANOTTI, 2012).

Um estudo clínico de Freud, o caso do menino Hans, se destaca na análise da fobia. Os estudos de Freud baseados nos relatos descritos pelo pai do pequeno Hans proporcionam uma riqueza de detalhes com relação à sexualidade infantil, deixando claro o narcisismo primário e sua evolução para a relação de objeto, caracterizando um quadro fóbico bastante relevante para o reconhecimento da neurose fóbica e a compreensão de algumas doenças psíquicas. O temor de castração e a intensa ansiedade de Hans foi deslocada para um objeto externo, desencade-

ando uma fobia. O caso de Hans exemplifica a evolução natural da sexualidade infantil e o que diferencia os neuróticos que, para superar seus complexos, fazem uso de substituições excessivas (COSTA, 2010).

Ainda destaca este autor, comentando a respeito do caso Hans, que:

A fobia de Hans era produto de uma deformação, um deslocamento do medo de ser castrado. Na fobia a angústia vai fazendo deslocamentos e quando encontra um objeto que tenha uma representação psíquica ele foca o medo para esse objeto, fantasiando assim que controla o medo. O medo de cavalos impunha uma restrição da liberdade, impediu de sair à rua, mas obtinha com isso o lucro secundário da doença ficava mais perto da mãe. (COSTA, 2010, p. 1).

O medo de Hans foi considerado por Freud como um distúrbio característico do sujeito neurótico, cuja fobia se concentra num objeto e causa muita ansiedade. Ao caso de Hans Freud denominou o medo do cavalo de “histeria de angústia”, em cuja classificação colocou alguns estados de ansiedade neuróticos, condicionando esse tipo de fobia e a histeria como semelhantes na estrutura subjetiva. Na histeria da angústia, a libido não é convertida (desviada da esfera mental para uma inervação somática) mas colocada em liberdade na forma de ansiedade, podendo aparecer como fobia, como no caso de Hans (FREUD [1909], 1996).

Freud destaca a fobia como um sintoma da estrutura neurótica que aflora frente à angústia de castração, tanto no caso Hans quanto em outros pacientes, adultos ou crianças. Para Freud, o neurótico apresenta formações psíquicas com componentes da sexualidade infantil que se mostram em sintomas neuróticos da vida posterior. É nesses primeiros elementos constituintes da criança que ocorrem algumas vivências que determinam a estrutura e se tornam observáveis posteriormente, de forma exagerada ou distorcida, no caso dos neuróticos (FREUD [1909], 1996).

Para Freud, o distúrbio neurótico fóbico, relacionada à histeria de angústia, é o mais facilmente adquirido em qualquer época da vida. O sujeito poderá se libertar de sua ansiedade sujeitando-se às inibições e restrições, cortando todo o acesso ao motivo que levou ao desenvolvimento da ansiedade, ou seja, levantando

barreiras, estruturas protetoras contra suas inibições ou proibições, e são essas estruturas protetoras que surgem como fobias que constituem a essência da doença.

O sujeito responde com a histeria da conversão, quando o sintoma se produz no corpo sob a forma de recalque secundário, ou com a neurose obsessiva, se o conteúdo *mnêmico* se transformar em representações e afetos deslocados. Na fobia, a angústia surge não em decorrência de uma lembrança, mas enquanto dura, transforma o afeto em medo e termina quando se revela a castração, dando-se a saída por uma das neuroses (BRUNI; BARBOSA; GONDIM, 1999).

Conforme Laurindo e Farinha (2011), a fobia é a neurose infantil por excelência, ocorrendo já na primeira infância, quando a estrutura psíquica está vivenciando o complexo de Édipo. A fobia é um sintoma relacionado com a angústia de castração, a qual pode desencadear uma forma de defesa por meio do deslocamento da angústia para um objeto fóbico que, ao mesmo tempo, vela a falta e a revela. Dessa maneira, na neurose fóbica

O que primeiro surge é uma crise de angústia difusa, o sujeito não consegue localizar do que tem medo especificamente. Em seguida, ocorre o deslocamento para um objeto que passa a ser temido, causando inibição. Há uma distorção em jogo, pois a angústia sinaliza o perigo da castração, que é substituído por um objeto diferente. Esse mecanismo defensivo possibilita [...] evitar um conflito [...] a angústia só surge na presença do objeto, portanto, basta evitá-lo. A “ameaça” representada pela pulsão é substituída por um perigo externo. (LAURINDO; FARINHA, 2011, p. 79).

Ao tratar da inserção da fobia na estrutura clínica da neurose, Lacan introduziu o conceito de “placa giratória” a partir da qual o sujeito se posiciona na estrutura, seja do lado da neurose histérica ou a obsessiva. Para Lacan (2008, p. 298), “a fobia não deve ser vista, de modo algum, como uma entidade clínica, mas sim como uma placa giratória. [...] Ela gira mais do que comumente para duas grandes ordens de neurose, a histeria e a neurose obsessiva, e também realiza a junção com a estrutura da perversão [...]”.

Dessa forma, a escolha pela neurose é determinada pela forma como o desejo da mãe é

articulado ao Nome-do-Pai. O sintoma fóbico não representa apenas a solução da falha na função paterna. Considerando a placa giratória, a fobia pode ser entendida como um sintoma presente em diversos quadros. Na placa giratória, entre a histeria e a neurose obsessiva, o sujeito usa seu significante trunfo contra a angústia, que o protege ao delimitar o espaço. O significante fóbico é uma sentinela avançada frente à angústia podendo velar a escolha da neurose ou deixá-la em suspenso, como ocorre na fobia infantil (LOPES, 2008).

Bruni, Barbosa e Gondim (1999), comentam que as fobias derivadas da histeria da angústia, como é do caso Hans, são as mais comuns. Nesse tipo de fobia, a libido, libertada do material patogênico pelo recalque, não é convertida, mas colocada em liberdade na forma de ansiedade. O sintoma fóbico permanece durante um tempo, até que algo seja elucidado, dando saída para a neurose de histeria ou para a neurose obsessiva. A fobia, assim, é um tempo de vacilação antes da saída para a neurose. Nesse intervalo, o sujeito lança mão do significante para escapar da angústia, mediante o medo, ganhando tempo, assim, para se posicionar.

A travessia do complexo de Édipo e do complexo de castração são momentos importantes no surgimento da fobia. Lacan situou a fobia na fronteira entre o imaginário e o simbólico, o momento em que o falo imaginário passa ao falo simbólico, o que corresponde à passagem do “ser” ao “ter” o falo. Na operação dessa passagem é que surgiu a fobia de Hans, quando o cavalo, que havia lhe dado antes satisfação, agora o aterrorizava. O medo do cavalo foi a tentativa de Hans de circunscrever e nomear a angústia pela perda da mãe fálica. O medo do cavalo, objeto fóbico, foi denominado por Lacan “como significante pivô da fobia em função do qual as significações vão sofrer permutações múltiplas, ordenando a realidade de Hans a fim de que ele encontre uma solução para os impasses com os quais se confronta” (TEIXEIRA, 1999, p. 224).

Ou seja, o cavalo representa um significante que, embora surja de maneira patológica, tem um papel polarizador, constituindo limites ao mundo exterior. A função do objeto fóbico, portanto, é a de circunscrever, delimitar o abismo angustiante vivenciado pelo sujeito e, ao mesmo tempo, serve de artifício para a constituição do sujeito (PRADO, 1999).

Na obra *Inibição, Sintoma e Angústia*, de

Freud, este afirma que o medo de Hans é um sintoma e sua incapacidade de sair à rua é uma restrição, um fenômeno de inibição dos movimentos do menino, que este se impôs para evitar a angústia. A fobia surge como a conjugação de um sintoma com uma inibição, impondo restrições ao sujeito. Lacan por sua vez, no seminário A Transferência, afirma que a angústia se produz no sujeito na medida em que este se relaciona com um objeto de desejo e quando este perturba a imagem especular criada pelo sujeito. A função da fobia, para Lacan, coloca em relevo a importância da constituição da imagem real, especular, juntamente com o momento constitutivo do desejo. Ao articular angústia, objeto e desejo em relação à fobia, Lacan acrescenta que serve para sustentar a relação com o desejo sob a forma de angústia. Nesse sentido, a fobia é um recurso que o sujeito utiliza para lidar, temporariamente, com a angústia (PRADO, 1999).

A fobia, assim, é um recurso que o sujeito usa para alternar ou coexistir com traços perversos ou reações perversas, mas também pode ser entendida como sendo anterior à consolidação da estrutura neurótica, um recurso advindo na travessia do complexo de castração e do complexo de Édipo, surgindo como um recurso em suspensão. A fobia é situada por Lacan como estando na fronteira entre o imaginário e o simbólico, na passagem do falo imaginário ao falo simbólico, ou seja, no limite entre o “ser” e o “ter” o falo. Essa passagem se realiza na travessia do complexo de Édipo e do complexo de castração. Na tentativa de operar essa passagem, surge a fobia, pelo medo de nomear a angústia (TEIXEIRA, 1999).

Conforme Prado (1999), o objeto fóbico possui uma função de significante para o sujeito, sendo essa função considerada por Lacan como um artifício do sujeito, que possui certa eficácia, de articular o que está em jogo na fobia, na escolha da neurose. A função, tanto da fobia quanto do objeto fóbico, pode ser percebida no texto do pequeno Hans, estudado por Freud, quando este escolhe o cavalo como objeto temido:

Devo explicar que Hans não afirmava que havia ficado como a “bobagem” naquela época mas sim em relação à brincadeira do cavalo [por causa do cavalo]. A teoria exige que o objeto atual da fobia tenha sido antes assunto de elevado prazer. Ao mesmo tempo, ..., a palavra “wegen” [por causa de] abre o caminho para a extensão da fobia desde cava-

los até os veículos [*wagen*]. Jamais se pode esquecer que as crianças tratam as palavras muito mais objetivamente que os adultos e que as homofonias são assim muito mais significativas para eles. (FREUD, *apud* PRADO, 1999, p. 245).

Mediante esse parecer de Freud, Lacan traça possibilidades de aproximação do objeto fóbico com o intenso prazer. O significante “cavalo”, no caso de Hans, aponta tanto para o significante presente na fobia quanto para a origem prazerosa do objeto fóbico. O objeto fóbico, embora temido, é um substituto para a angústia, embora não inteiramente, mas necessário para a organização do sujeito em torno dele mesmo. Como demonstra Lacan, em seu trabalho A Relação de Objeto, a fobia de Hans permite que ele se confronte com elementos que necessitam de uma revisão no primeiro esboço simbólico, que estruturavam sua relação com a mãe. É nesse momento que Hans se defronta com seu complexo de Édipo, que a fobia se produz, se desenvolve como uma patologia que revela o normal, pela dificuldade e complexidade da criança integrar o real de sua genitalidade sublinhando o caráter simbólico do momento da passagem. Ainda segundo este autor, as palavras de Lacan, “normal”, “real da genitalidade” e “momento de passagem”, “vão delineando a fobia como uma possível resposta frente à crise inevitável que se atravessa, necessária para a constituição do sujeito” (PRADO, 1999, p. 246).

Os limites construídos pelo sujeito servem como obstáculo que inibe e mantém o sujeito aquém desse limite, aprisionando-o ao objeto temido, impedindo-o de avançar. Freud destacou que a intenção e o conteúdo da fobia promovem uma ampla limitação da liberdade do sujeito (PRADO, 1999).

O significante fóbico é um recurso imaginário que o sujeito faz uso para tentar resolver a angústia intolerável, delimitando o espaço, mas este não é suficiente para dar conta de toda a angústia. O significante fóbico traz à tona todas as transferências e transformações que se tornam problemáticas na relação entre mãe, falo e filho. Hans faz da sua fobia um apelo ao significante Nome-do-Pai na tentativa de organizar sua subjetividade no campo do desejo e do gozo. Esse apelo, essa busca pelo significante que deve funcionar como agente da castração é que estabelece o limite (LOPES, 2008).

Segundo Oliveira (2008), a psicanálise trabalha com as estruturas psíquicas considerando suas singularidades e as questões subjetivas que inserem o sujeito em um grupo definido que o representa e marca um lugar de mortificação subjetiva. O sujeito ocupa um lugar de objeto de análise, onde seus sinais e sintomas são estudados e preconcebidos e na psicanálise, em específico, busca-se compreender o modo particular de padecimento do sujeito. A psicanálise é, por isso, denominada por Lacan de “ética do bem dizer”, pois é por meio da relação do paciente com a linguagem e o simbólico que o analista consegue acolher as manifestações inconscientes e fazer com que essas manifestações passem a adquirir significado para o próprio sujeito que fala.

A escuta durante o processo analítico visa aprofundar a relação do paciente com a linguagem e o posicionamento simbólico deste frente a questões importantíssimas, como o nascimento, a procriação, a morte, o sexo, a castração, o desejo e até mesmo a implicação do sujeito com seu padecimento. (OLIVEIRA, 2008, p. 116).

Ao propor uma abordagem da função do significante fóbico, Lacan orienta que, no decorrer da análise, a criança precisa “[...] desenvolver as significações que o sistema significativo possui” (TEIXEIRA, 1999, p. 225). Ou seja, o significante deve desempenhar o papel que a criança lhe deu na construção da neurose, de modo que se converta tanto em socorro como em ponto de referência simbólica em sua relação com o simbólico. É nesse sentido que Freud propôs a introdução do Édipo na estrutura simbólica no caso Hans, determinando a direção do tratamento trazendo o pai de Hans como significante primário na estrutura simbólica.

O mito tem um papel importante, de solução numa situação de impasse, na estrutura da neurose. Para Lacan, a proliferação de fantasias e construções míticas de Hans possibilita a busca de um tratamento, de uma solução, pois responde a “[...] uma questão formulada pelo sujeito ao nível de sua própria existência” (TEIXEIRA, 1999, p. 226).

Lopes (2008) comenta que, ao analisar o significante fóbico e a fobia como um sintoma da neurose, Lacan demonstra que o sintoma, na fobia, é menos estável que nas outras neuroses,

podendo sofrer transformações. Na fobia, a angústia não é uma lembrança recalcada, mas a angústia de castração e, diante do impasse com relação à castração, a fobia se apresenta como consequência sintomática que impede o sujeito de realizar o gozo, evidenciando-se como um ponto de estagnação para a angústia. Por isso que a fobia é comum na infância, enquanto sintoma constituinte, representando um apelo da criança a um termo que sustente a relação insustentável. E, ao longo da vida, em momentos de passagem, cada vez que o sujeito necessita de um recurso simbólico ou de uma suplência, diante do desejo do Outro, a fobia pode surgir com características de um sintoma singular, no sujeito neurótico.

## CONCLUSÃO

Ao considerar a constituição do sujeito e a estruturação da subjetividade, a psicanálise possibilita a compreensão de eventos que contribuem para a formação da estrutura neurótica, na qual surge a neurose fóbica mediante o deslocamento da falta do Outro para um objeto fóbico. A análise da estrutura psíquica busca, mediante o simbólico, perceber como o sujeito se constitui em relação à falta, que pode determinar uma estrutura neurótica, psicótica ou perversa. A estrutura neurótica apresenta, entre seus tipos clínicos, a neurose fóbica. O fóbico se defende da angústia de castração mediante o recalque projetando a angústia para o mundo exterior, transformando-a em objeto temido. O sintoma psíquico da neurose é uma forma de defesa e os quadros fóbicos que se apresentam já na infância se manifestam mediante a angústia de Castração e do Édipo, que representam a perda, a separação de um objeto importante para o sujeito. Os sintomas fóbicos, como os do menino Hans, caracterizam um quadro fóbico próprio dos neuróticos, em que o temor de castração e a ansiedade são deslocadas para um objeto externo, antes motivo de prazer, mas que é substituído pelo medo.

A fobia, adquirida em qualquer época da vida, é mais comum na infância, quando a estrutura psíquica está vivenciando o complexo de Édipo e a angústia de castração. É uma forma de defesa, já que o sujeito desloca a angústia interna para um objeto fóbico externo, usando o significante fóbico de maneira patológica mas que constitui os limites ao mundo exterior, de-

limitando a angústia vivenciada pelo sujeito ao mesmo tempo que serve de artifício para a constituição do sujeito.

Ao analisar o significativo fóbico e a fobia como um sintoma da neurose, estes devem ser compreendidos como consequência sintomática que impede o sujeito de realizar o gozo diante do impasse da castração e por isso se evidencia como um ponto de estagnação da angústia. A fobia representa um apelo da criança a um termo que sustente a relação insustentável que ela tem para com seu objeto de desejo. Como um recurso simbólico que suplementa o desejo do Outro, a fobia pode surgir no sujeito neurótico. Na análise psicanalítica, o analista precisa compreender a relação do paciente com a linguagem e o simbólico, acolhendo suas manifestações inconscientes para que, em transferência essas manifestações passem a fazer signo ao sujeito que fala do objeto fóbico.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. M. S. C.; AMARI, F. N.; OLIVEIRA, A. M. M. de. A função dos contos de fadas na constituição do sujeito psicanalítico: uma análise a partir do conto de chapeuzinho vermelho. **Akrópolis**, Umuarama, v. 19, n. 3, p. 187-202, jul./set. 2011.
- BERNARDINO, L. M. F. (Org.). **O que a psicanálise pode ensinar sobre criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, 2006.
- BRUDER, M. C. R.; BRAUER, J. F. **A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação**. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300008)>. Acesso em: 28 maio 2013.
- BRUNI, C. V.; BARBOSA, M.; GONDIM, S. L. S. Fobia: um tempo para compreender. In: \_\_\_\_\_. Hans e a fobia. **Escola Letra Freudiana**, Rio de Janeiro, a. 17, n. 24, p. 101-112, 1999.
- CIRINO, O. **Psicanálise e psiquiatria com crianças**: desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- COSTA, T. **Psicanálise com crianças**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- COSTA, A. M. **A fobia do pequeno Hans**. 2010. Disponível em: <<http://www.apsicanalise.com/blog-psicanalise/130-a-fobia-do-pequeno-hans-.html>>. Acesso em: 09 jun. 2013.
- ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.
- FARINHA, S. Jacques Lacan e a formalização do conceito de sujeito. In: LAURINDO, M. C. (Org.). **Temas para pensar e ensinar a psicologia**. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 51-68.
- FERREIRA, T. **A escrita da clínica: psicanálise com crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FREUD, S. (1909). Duas histórias clínicas (o pequeno Hans e o homem dos ratos). In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.
- FREUD, S. (1910[1909]). Cinco lições de psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.
- JULIEN, P. **Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.
- LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1968-69) O Seminário. Livro 16: de um outro ao outro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- LAURINDO, M. C.; FARINHA, S. Introdução às estruturas clínicas em psicanálise. In: LAURINDO, M. C. (Org.). **Temas para pensar e ensinar a psicologia**. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 69-92.
- LOPES, A. C. D. Fobia, perversão e metáfora paterna. **Aséphalus**, v. 4, n. 7, nov. 2008 a abr. 2009. Disponível em: <[http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_07/artigo\\_02\\_port.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_07/artigo_02_port.html)>. Acesso em: 09 jun. 2013.
- MAGALHÃES, D. D. M. M. O. **Constituição**

**do sujeito X desenvolvimento da criança:** um falso dilema. 2012. Disponível em: <[http://www.nre.seed.pr.gov.br/toledo/arquivos/File/educacao\\_especial/materiais\\_apoio/constituicaosujeito.pdf](http://www.nre.seed.pr.gov.br/toledo/arquivos/File/educacao_especial/materiais_apoio/constituicaosujeito.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

MEDEIROS, M. S.; MARIOTTO, R. M. O tempo da constituição do sujeito. In: BERNARDINO, L. M. F. (Org.). **O que a psicanálise pode ensinar sobre criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, 2006. p. 43-56.

NASIO, J. D. **Édipo:** o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

OLIVEIRA, M. S. B. O conceito das estruturas clínicas neurose e psicose para a psicanálise. **Revista Científica do HCE**, a. 3, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.hce.eb.mil.br/rev/rev2008/conceitodasestrururas.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2013.

PAIVA, A. F. Do ódio ao pai. In: **A ética analisante**. Congresso da Escola da Coisa Freudiana, a. 2, 2011. Curitiba: Escola da Coisa Freudiana, 2011.

PRADO, I. B. B. do. A função da fobia: Hans e a fobia. **Escola Letra Freudiana**, Rio de Janeiro, a. 17, n. 24, p. 245-249, 1999.

QUEIROZ, E. F. **A clínica da perversão**. São Paulo: Escuta, 2004.

QUINET, A. **As 4 + 1 condições da análise**. 10. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

SAURET, M. J. Lá onde era a criança, deu eu advir. **Revista Estilo**, Curitiba, n. 1, p. 63-70, 1998.

TEIXEIRA, E. Considerações sobre a fobia e a direção da cura no caso Hans e no caso Yves: Hans e a fobia. **Escola Letra Freudiana**, Rio de Janeiro, a. 17, n. 24, p. 223-234, 1999.

ZANOTTI, S. V. A dissolução do complexo de Édipo. **Séphora**, Núcleo de Pesquisa sobre o

moderno e o contemporâneo. Disponível em: <[http://www.isepol.com/dissolucao\\_edipo.html](http://www.isepol.com/dissolucao_edipo.html)>. Acesso em: 02 jul. 2013.

### EL SUJETO DELANTE A LA NEUROSIS DE AGOBIO EN LA MIRADA DEL PSICOANÁLISIS

**RESUMEN:** Este estudio ha buscado analizar el proceso de constitución del sujeto y de la estructuración psíquica, basándose en el análisis de Freud y Lacan para comprender el surgimiento de neurosis y de fobia. Se ha utilizado el método de revisión bibliográfica vuelta al estudio psicoanalítico del sujeto, en especial de niños, en desarrollo de cuadros fóbicos. La literatura resalta la importancia del Otro y del simbólico en la estructuración subjetiva, siendo la estructura neurótica decurrente del proceso constituyente que tiene origen en el agobio de castración, que para Lacan, es una disfunción de objeto, una ausencia del Otro, sobretudo la madre, que lleva el sujeto a desplazar el foco del objeto anhelado para otros objetos, que se transforman en objetos fóbicos. La fobia de Hans, estudiada por Freud, es considerada un ejemplo de neurosis fóbica, decurrente del miedo de castración que surge en el momento en que el sujeto atraviesa el complejo de Edipo. Delante el simbólico, la visión psicoanalítica posibilita el análisis de la estructura psíquica para diagnosticar los modos de defensa, o negación del Edipo, mediante el recalque para entender como el sujeto se constituye delante de la falta. La proyección del agobio para con un objeto externo es una forma de defensa que, al mismo tiempo, limita y constituye el sujeto. Las fobias son comunes en la infancia y pueden manifestarse desde la infancia hasta la fase adulta, pudiendo afectar las relaciones posteriores del sujeto. En el análisis psicoanalítico, el significante fóbico tiene un papel de relevancia, y la fobia se presenta como consecuencia sintomática que impide el sujeto de realizar su anhelo recalcado y frena el agobio. El analista debe entender y acoger las manifestaciones inconscientes, haciéndolas significativas para el sujeto que habla, de forma que él pueda entender y vencer sus miedos, alcanzando éxito en el tratamiento.

**PALABRAS CLAVE:** Sujeto; Constitución; Estructura; Neurosis; Fobia.